

Jader diz que não recebeu relatório do BC

Fraga, segundo senador, preferiu enviar auditoria sobre Banpará apenas ao Ministério Público

GERSON CAMAROTTI

BRASÍLIA – O presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), informou ontem que não recebeu do Banco Central o relatório da auditoria sobre desvios de recursos do Banco do Estado do Pará (Banpará) entre 1983 e 1987, quando ele era governador. Jader disse que só recebeu um ofício do presidente do BC, Arminio Fraga, informando que havia encaminhado o relatório exclusivamente para o Ministério Público Estadual.

“No ofício, Arminio Fraga alegou que não poderia me enviar uma cópia do documento porque relaciona instituições financeiras, além de outras pessoas físicas e jurídicas, e isso envolve sigilo bancário”, explicou Jader. As declarações do presidente do Senado contradizem a informação do BC, que confirmou ao **Estado**, na sexta-feira passada, a remessa do documento.

O relatório do BC, publicamente resumidamente pelo **Estado** em 1996, apurou indícios de que o peemedebista teria se beneficiado do desvio de recursos, estimado em R\$ 1 milhão.

Jader evitou comentar o

gesto do presidente do BC, que há um mês afirmou que uma das hipóteses de liberação do relatório do banco seria conseguir autorização do próprio presidente do Senado. “Fiquei satisfeito com a remessa dessa auditoria para o Ministério Público Estadual”, observou. “Agora, esse documento será analisado e, se o inquérito for aberto, terei a oportunidade de ter acesso ao material.”

Para amigos, Jader afirmou estar tranquilo com a decisão do BC. Em conversas reservadas, tem dito que muito dificilmente a comissão parlamentar de inquérito (CPI) dos casos de corrupção, caso seja instalada, terá competência para investigar o desvio do

Banpará, já que o caso compete à esfera estadual. Ele também tem comentado que pagou um preço muito alto por causa do caso Banpará desde 1996, quando estava à frente da CPI dos Bancos.

Ontem, o senador manifestou sua posição contrária à CPI da Corrupção. “Sou contra porque entendo que esta CPI é política”, explicou. Ele rebateu os ataques à sua decisão de assinar o pedido de abertura da comissão, que par-

tiram até de líderes de seu partido. “Está havendo equívocos”, garantiu. “No meu caso, fiz um gesto político ao subcrever o requerimento porque me senti obrigado.” Jader voltou a dizer que avisou antecipadamente o presidente Fernando Henrique Cardoso sobre sua decisão. “O presidente demonstrou compreensão.”

Risco – Na sua avaliação, a CPI significa um risco para o País. “Num momento em que a Argentina vive grave instabilidade econômica, o Brasil

não pode mergulhar num episódio de crise política”, avaliou. “Isso pode criar um quadro de dificuldades.” Ele acredita que a crise pode levar a uma consciência de que é necessária

a união das forças que dão sustentação ao governo.

A avaliação de Jader é que só a superação dessa crise permitirá à base governista colocar um candidato no segundo turno da eleição presidencial em 2002. Ele evitou falar em candidaturas, alegando que ainda é muito cedo para discutir o tema. Mesmo assim, fez referências positivas ao nome do ministro José Serra (Saúde). “Serra é um nome em evidência”, ressaltou.

VERSÃO
CONTRÁRIA
INFORMAÇÃO
DO BC